



REVISTA QUINZENAL  
N. 4 — 16 a 31 de dezembro de 1969

Preço do exemplar: NCr\$ 1,00

ECONÔMICO



#### PROJETO

Palavra das mais ouvidas no Nordeste brasileiro projeto tem elaboração difícil e aprovação demorada. Leva meses desde que é iniciada a sua elaboração até que venha a ser finalmente aprovado pela Sudene. Por que? (página 12).

#### CAPTAÇÃO É FALHA

Captar recursos é considerado como o mais sério problema para os que pretendem instalar indústrias na região do Polígono das Sêcas. A Sudene, até os dias atuais, ainda não teve solução para o problema. Os empresários reclamam estarem sendo explorados (página 5).

#### GUARARAPES NO MÉXICO

A Confecções Guararapes S.A. está montando uma cadeia de lojas no México. No próximo ano já deve estar instalando naquêle País uma fábrica de roupas feitas. É a primeira indústria polígua a ultrapassar as fronteiras nacionais. A Guararapes, dentro em breve, poderá ser a maior fábrica de confecções do Brasil (página 9).

#### ADEUS A MISERIA

O presidente da Federação da Agricultura escreve artigo sobre a atuação da Sudene. Faz um retrospecto dos outros órgãos que a antecederam e conclui que a imagem negativa do Nordeste está desaparecendo (páginas 14 e 15).

#### MINÉRIOS

O Governo finalmente está tomando medidas que contribuirão para o desenvolvimento da mineração no Brasil. A Sudene, em seu IV Plano Diretor, criou o Furene, fundação que pesquisará a fundo perdido os minérios da região. Na página 8 o sr. Mário Moacyr Pôrto, uma das principais autoridades minério do país, faz um levantamento sobre as perspectivas da mineração.

## Deputado diz que Sudene empobrece o Nordeste

A Sudene não está atingindo sua finalidade, que é corrigir a distorção existente entre as regiões Nordeste e Centro-Sul. Quem diz isso é o deputado estadual Valmir Targino, Arena, embora fazendo questão de dizer que não segue orientação política de quem quer que seja.

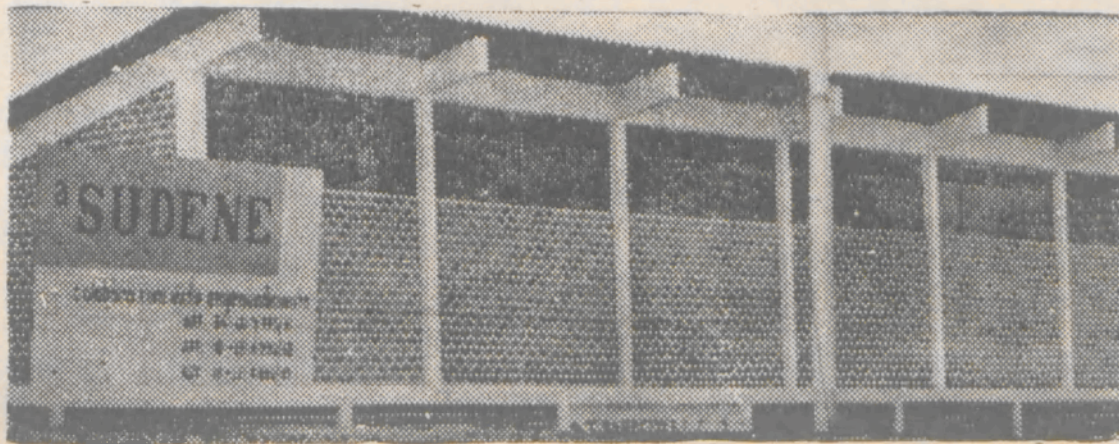
“Talvez por isso é que eu seja um homem sem grande prestígio”, reconhece êle. Contudo, êste é o preço que êle tem que pagar para dizer com todas as letras tudo o que pensa mesmo que isto vá de encontro ao pensamento dos correligionários.

Para Valmir Targino, a Sudene fêz o Nordeste crescer como rabo de cavalo; para baixo, segundo suas próprias palavras. Isto porque o órgão ao inves de promover o desenvolvimento harmônico da região, acabou por agravar um de seus maiores problemas, que é

o desequilíbrio existente entre a industrialização e a agropecuária.

Segundo êle afirma, a ênfase excessiva dada pela Sudene à industrialização aumentou ainda mais o desnível econômico entre a população, pois a agropecuária foi esquecida totalmente nos primeiros Planos Diretores. “Por isso, o que vemos no dia a dia, é o empobrecimento progressivo da população que leva mais dinheiro para o mercado e traz menos mercadorias para casa”.

**Opinião inversa** — Para o Presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Norte deputado Moacyr Duarte, no entanto, a Sudene está libertando o Nordeste da miséria e os dez anos de atividade do órgão regional oferecem um saldo altamente positivo de realizações. (Leia reportagens nas páginas 7, 14 e 15).



A invasão das placas



## Cartas

### A Sudene

Senhores diretores:

Foi com satisfação que recebi aqui em Recife durante a Fecin os números 1,2 e 3 da revista quinzenal RN—Econômico e, como norte-riograndense, embora estando radicado em Pernambuco, quero parabenizar seus diretores, redatores e colaboradores pelo bri-

lhante trabalho de divulgação que fazem da economia do Rio Grande do Norte.

Daqui posso vislumbrar o esforço de Vossa Senhoria em fazer publicar no Estado uma revista deste nível. Sei que raramente se pode contar com o apoio e a compreensão dos homens do Rio Grande do Norte num empreendimento deste alcance. É a primeira revista séria do gênero das que tenho visto no Nordeste. E mais, é uma revista diferente, de leitura fácil muito embora sendo de assuntos técnicos.

No editorial do número 3 está dito que o próximo número será sobre o aniversário da Sudene. O que foi publicado até o momento em outros órgãos se resume em elogios sempre a dizer que "a Superintendência do Desenvolvimento do Nordes-

te transformou a região outrora subdesenvolvida numa das que mais se desenvolve no País". Será que a Sudene é o único órgão do Brasil que só tem colhido sucessos? Será que não há alguma coisa a ser criticada de forma construtiva para melhor abrir os olhos dos homens responsáveis pelo despertar da região nordestina? Acredito que há muito o que dizer sobre estes dez anos. É claro que sem a Sudene não teríamos as chaminés das fábricas soltando fumaça, dando provas do desenvolvimento que começa a surgir no Nordeste. Mas o desenvolvimento industrial não terá prejudicado outras atividades? São perguntas, senhores diretores, que gostaríamos de ver respondidas em RN—Econômico, a revista que o meu Estado está publicando e que me faz sentir mais orgulhoso de

ser potiguar. Caso ela vá repetir tudo aquilo que já foi dito, peço-lhes que dessa vez não a enviem. Seria uma leitura dispensável.

**Celso Autunes Silva**  
advogado, Recife-Pe.

**N.R.** — Agradecemos as palavras de apoio e incentivo a nós dirigidas. Realmente, há muito a dizer sobre a atividade da Sudene, para nós a grande responsável pelo desenvolvimento do Nordeste, sem sombra de dúvidas. Mas, alguns erros precisam ser apontados. São erros, que precisam ser corrigidos para que o desenvolvimento se processe mais objetivamente. Enviamos-lhe mais um número da revista, Nêle V.S. encontrará farto material sobre a Sudene. Leia e tire suas conclusões.

## A Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte

une-se a todo o empresariado do Nordeste, aos poderes públicos da região e ao povo, no regosijo pelo transcurso do 10.º aniversário da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, organismo responsável pelas grandes mudanças sócio-econômicas que começam a libertar a nossa terra do subdesenvolvimento.

**José Nilson de Sá**  
Presidente



# RN-ECONÔMICO

Revista Quinzenal - N. 4 - 16 a 31 de dezembro

---

## Senhor Empresário

Dez anos depois da Sudene, o Nordeste mudou muito, num sentido positivo e otimista. A região, revolucionada pela política dos incentivos fiscais e pelo planejamento, ganhou indústrias e progresso. A população melhorou sensivelmente o seu poder aquisitivo, usufruindo os 500 mil novos empregos criados pela Sudene na primeira década de atividades.

Menos do que outros Estados, o Rio Grande do Norte utilizou os benefícios proporcionados pelo órgão desenvolvimentista da região nordestina. Nesses dez anos, mais de 254 milhões de cruzeiros novos foram carreados para este Estado, através de organismos oficiais ou da atividade privada, soma superior aos orçamentos da Administração Pública Estadual nos últimos anos. Se mais não foi conseguido, a culpa recai sobre o empresariado que não despertou cedo para o valor da Sudene e sobre o Governo que somente na gestão do Governador Walfredo Gurgel passou a apoiar e a cumprir a política de desenvolvimento preconizada pela Sudene.

Apontam-se falhas na atuação da Sudene; criticam-se os mecanismos de captação de recursos dos artigos 34/18; argumentam que a agricultura e a pecuária deveriam ter sido as metas básicas iniciais da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste; afirmam que as mudanças de superintendentes acarretaram mudanças de planos, descontinuidade de trabalhos, etc. Todos estes pontos merecem um debate. No entanto, ao realizarmos uma súmula da atuação do órgão, concluimos tranquilos que só obtivemos lucros e que o Nordeste perdeu muito daquela sua imagem miserável e sêca.

Dedicamos este quarto número do RN—Econômico ao trabalho da Sudene.

Marcos Aurélio de Sá  
Diretor

### Diretores

Marcelo Fernandes  
Marcos Aurélio de Sá

### Editor Geral

Antônio Melo

### Redatores

Albimar Furtado  
Alcimar de Almeida  
Djair Dantas

### Colaboradores

Ademar de Medeiros Netto  
Benivaldo Azevedo  
Eider Furtado  
Francisco Canindé Queiroz  
Geraldo José de Melo  
Hênio Melo  
Heyder Moura  
João Batista Cascudo Rodrigues  
João Wilson Mendes Melo  
Jomar Alecrim  
Leonardo Bezerra  
Mário Moacyr Pôrto  
Moacyr Duarte  
Ney Lopes de Souza  
Otto de Brito Guerra  
Reginaldo Teófilo  
Severino de Brito

### Publicidade

Francisco Elias  
Rossini Ferraz

### Arte

Antônio Lopes

**RN-Econômico**, revista especializada em assuntos econômicos, financeiros e políticos, é de propriedade da **Editora RN-Econômico Ltda.** — Rua Seridó, 426, 1º andar, Natal (RN) — e impressa na **Gráfica Manimbú** — Rua Açú, 666, Natal, RN. — Preço do exemplar: NCr\$ 1,00. Números atrasados: NCr\$ 1,50. Preço da Assinatura Semestral: NCr\$ 15,00.



# Diário Oficial

## em síntese



ao ensejo das Comemorações do Natal, lança a sua mensagem de BOAS FESTAS, ao mesmo tempo em que agradece à população a preferência que fez dos produtos BIG MILK os melhores do gênero.



Boas festas 1969

aos que nos distinguiram com sua preferência os nossos votos de felicidade e prosperidade

## R. Gurgel Ltda.

(fábrica de mosaicos Saci)  
(fábrica de lajes Volterrana)  
(material para construção em geral)  
Rua Pte. Bandeira 828 fone 2347  
Alecrim Natal — RN



feliz ano novo 1970

No dia 5 de dezembro o **Diário Oficial** publicou ata de Assembléia Geral da **Companhia de Aguas e Solos — Casol**, realizada em 6 de novembro, para deliberar sobre proposta da Diretoria referente a modificações estatutárias.

Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Maxaranguape incorporando ao Patrimônio do Município bens móveis e imóveis no valor total de 47 mil cruzeiros novos, foi publicado pelo **Diário Oficial** do mesmo dia 5.

No dia 6 foi publicada sanção do Governador do Estado à lei que cria uma Sociedade de Economia Mista denominada **Companhia de Fomento Agrícola Norte-Riograndense (Cofan)** que tem o objetivo de promover o desenvolvimento da agricultura e da pecuária do Estado. A companhia tem um capital inicial de 2 milhões de cruzeiros novos.

A 6 de dezembro o **Diário Oficial** publicou Edital de Concorrência Pública da Prefeitura Municipal de Ouro Branco, para a venda, a quem melhor preço oferecer, de um Motor Blackstone, na base de 8 mil cruzeiros novos.

As **Indústrias Jossan S/A** fizeram publicar no **Diário Oficial** do último dia 9, convocação de Assembléia Geral Extraordinária para o dia 15, visando tratar de alterações dos Estatutos Sociais da empresa.

A **Granja Lawar S. A.** publica também convocação para Assembléia Geral que se realizará no dia 17 às 10 horas, em sua sede social nesta Capital. A Assembléia tratará

da proposta da Diretoria para modificação parcial dos seus Estatutos na conformidade das normas e exigências da **Sudene**.

Também a firma **Oliveira Pinto Indústria e Comércio de Óleos S. A.** convocou, pelo **Diário Oficial** no dia 9, Assembléia Geral para o dia 20, oportunidade em que serão apresentados o relatório da Diretoria e o Balanço Geral e Demonstração de Lucros e Perdas.

O **Diário Oficial** do dia 2 de dezembro publicou ata de Assembléia Geral das **Salinas Guanabara S/A** realizada em 31 de outubro último e que tratou de apresentação do relatório da Diretoria; Balanço Geral; demonstração da Conta de Lucros e Perdas e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao ano social encerrado em 30 de junho último.

No mesmo dia foi publicada sanção do Prefeito Municipal de Parnamirim à lei que autoriza à Prefeitura a celebrar convênio com a **Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte** para realização de obras de abastecimento d'água e concessão da exploração dos referidos serviços.

Em data de 3 de dezembro, foi publicada ata de Assembléia Geral de **Medeiros & Cia S. A.** localizada em Jardim do Seridó, realizada em 18 de outubro para tratar de apresentação de relatório da Diretoria; Balanço Geral; demonstração da Conta de Lucros e Perdas e Parecer do Conselho Fiscal, do exercício encerrado em 30 de junho.



# A captação de recursos da Sudene é mecanismo positivamente falho

A captação de recursos para as empresas que se instalam no Nordeste se valendo dos benefícios dos artigos 34, da lei 3995/61, e 18 da lei 4239/63, constitui-se hoje no problema mais difícil para os empreendedores nordestinos. Atualmente, no Sul do País, existem centenas de escritórios (alguns deles sem idoneidade) que se dedicam exclusivamente a obter dinheiro dos empresários daquela região para ser aplicado em indústrias que se localizam na zona do "Polígono das Secas".

Os dois artigos de duas diferentes leis tratam do mesmo assunto. Apenas o 18 dá uma nova redação ao 34. De acordo com o mecanismo destes dois artigos, a pessoa jurídica, quando da declaração de seus rendimentos, informa que pretende gozar dos benefícios instituídos pelo mecanismo do 34/18, descontando, assim, 50 por cento do seu Imposto de Renda e adicionais não restituíveis que deva pagar, em reinvestimentos ou aplicação em indústrias consideradas pela Sudene de interesse para o desenvolvimento do Nordeste.

**Oferta maior** — Em 1961, tão logo foi aprovada a lei 3995, as indústrias do Sul fizeram os descontos, quase todas elas optando pelo sistema. Mas, naquela época o número de projetos era por demais reduzido. Os recursos ficavam depositados no Banco do Nordeste e a Sudene não tinha onde aplicá-los. Com o decorrer dos anos o número de projetos foi aumentando e, em pouco tempo, os recursos eram escassos para tantos projetos.

As dificuldades para os que estavam a instalar indústrias na região do "Polígono das Secas" eram grandes para que conseguissem carrear recursos que permitissem a instalação de suas fábricas. Com o projeto aprovado, corriam a São Paulo mas não tinham muito sucesso. Quase todos os possíveis investidores já haviam feito as suas deduções e estavam com o dinheiro empregado.

**Escritórios** — As inúmeras viagens ao Sul encareciam muito as despesas da empresa que ainda não chegara nem mesmo a se instalar. Muitos chegaram a desistir do empreendimento.

Algumas firmas de projetos passaram a se encarregar das captações. Hoje limitam-se a dar orientação de como fazê-lo.

Com as dificuldades que começaram a aparecer também surgiu um novo campo de atividades. Começaram a se instalar grandes escritórios de captação de recursos em São Paulo no Rio e em Minas Gerais. Mas ainda não havia gente suficiente para conseguir o dinheiro reclamado pelo grande número de projetos que emanavam do Nordeste.

Começaram a aparecer escritórios menores. E foram tanto e tão pequenos que hoje muitos deles se limitam a uma pasta que o corretor-diretor do escritório leva embaixo do braço.

**Problema maior** — A Sudene aprova projetos onde está prevista uma cota de 5% — projeto industrial — ou 8% — projeto agrícola — que será paga aos corretores que captarem recursos para a empresa.

Mas acontece que muitos que tiveram projetos aprovados pela Sudene mostram-se descontentes com o sistema de captação. Ao invés de alguns escritórios cobrarem as taxas previstas chegam a cobrar 12 por cento para os projetos industriais e 15% para os agrícolas. Esses 7 por cento não

estão contidos na inversão total do projeto e a Sudene não os paga. O dinheiro deve sair então da empresa que está se instalando.

**Dificuldade** — Os investidores do Sul relutam muito quando a aplicação de recursos deverá ser feita para projetos agrícolas. A imagem que têm do Nordeste é de uma terra sem nenhuma condição de sair do seu estado de subdesenvolvimento. Mais que isso, as notícias que têm da região ou são de secas prolongadas ou de enchentes que destroem tudo.

Depois afirmam com boa parte de razão, que os riscos são maiores nos projetos agrícolas que nos industriais e, ainda mais, que a rentabilidade não é tão assegurada como no caso das indústrias.

Isso vem a dificultar a captação de recursos para os projetos agrícolas, muito mais que para os industriais.

A Sudene está demonstrando alguma preocupação com o problema, principalmente no caso dos pequenos escritórios que, vez ou outra agem de forma pouco honesta com os seus clientes. Por isso, o órgão está pensando em divulgar urgentemente uma lista de escritórios reconhecidamente honestos. O órgão somente aceitará recursos por eles captados. A medida visa dar uma solução final ao problema, no que tange a parte de honorários cobrados além da faixa permitida pela Sudene.



## Pecuária

# A SUDENE multiplicou os rebanhos

O rebanho bovino do Rio Grande do Norte, segundo o anuário estatístico da Fundação IBGE, em 1968 era de 900 mil cabeças de gado. Em relação ao ano de 1967, de acordo com a mesma fonte, ele aumentou em 62 mil reses.

O crescimento do rebanho bovino, a partir de 1965 está ligado intrinsecamente aos incentivos oferecidos pela Sudene à pecuária e à agricultura.

O fato é que, após ter sofrido uma redução de 4 mil cabeças de gado de 1965 para 1966, o rebanho norte-riograndense teve um aumento substancial de 5 mil cabeças de 66 para 67 e, de 62 mil, de 1967 para 1968.

Um milhão — Os criadores potiguares acreditam que em 1969 o rebanho do Estado tenha ultrapassado a um milhão de cabeças. Este salto representado

por mais 100 mil novas reses é tido como decorência do crescimento normal do rebanho e principalmente devido à integralização do efetivo bovino nas diversas fazendas-empresas que se instalam no Rio Grande do Norte com incentivos da Sudene, utilizando-se dos recursos oriundos das deduções do imposto de renda através dos artigos 34/18 dos II e III Planos Diretores da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

Veja-se que só em duas destas fazendas-empresas criadas graças à extensão dos benefícios das deduções do imposto de renda para a pecuária — a Potengi Agro-Industrial e a Companhia Pecuária e Agrícola do Nordeste — mais de 10 mil novas cabeças de gado passaram a compor o rebanho do Rio Grande do Norte. Mas não se deve es-

quecer a contribuição, embora individualmente menor mas superando em muito este total, que vai ser dada por mais nove fazendas que estão também passando a empresas pecuárias no Estado.

Para este aumento no índice do rebanho bovino — quase 100% maior que há dez anos passados — a Sudene financiou através dos artigos 34/18, ..... 19.862.047 cruzeiros novos só para a pecuária potiguar onde os investimentos totais somam NCr\$ 26.318.469,00.

**Setor público** — Os investimentos através dos poderes públicos estaduais feitos pela Sudene, igualmente, surtiram bons resultados. Eles tiveram sempre por preocupação o incremento da pesquisa e experimentação, a racionalização do abastecimento e comercialização da produção agropecuária. O trabalho foi desenvolvido neste campo no Rio Grande do Norte através da Secretaria da Agricultura e da Ancar. Daí, resultaram: assistência técnica ao produtor de algodão com a instalação de campos de sementes selecionadas do produto; experimentos com vários tipos de feijão, milho, verduras e frutas nas diversas regiões do Estado; assistência ao criador; vacinação dos rebanhos; formação e ampliação de capineiras; formação e ampliação de pastagens artificiais; plantio de palma forrageira; construção de silos e armazéns;

introdução de reprodutores e matrizes selecionadas; construção e recuperação de açudes; exposição de animais; criação e assistência à cooperativas, destacando-se estes como os principais serviços prestados pelo órgão desenvolvimentista na área do poder público no Rio Grande do Norte.

**Outra mentalidade** — O que impressiona sobremaneira aos técnicos de desenvolvimento do Estado, é o aparecimento de uma nova mentalidade entre os homens que lidam com a agricultura e com a pecuária. De repente um número grande de projetos de maior e menor vulto, começou a ser elaborado pelas firmas de planejamento e a dar entrada na Sudene. A incredulidade nos resultados que adviriam dos trabalhos do órgão desenvolvimentista, deu lugar a um otimismo que alguns chegaram até a considerar excessivo.

Mas o fato é que, em menos de cinco anos, 11 projetos foram ou estão sendo aprovados pela Sudene para a pecuária no Rio Grande do Norte. O homem que anteriormente baseava-se nos relâmpagos na véspera do Santo Antônio ou mesmo no vôo antecipado das marrecas como sinal de chuva, passou a acreditar nas deduções baseadas nas ciências e até mesmo em planejamento para os seus negócios na agricultura e na pecuária.



COMPANHIA DE FOMENTO ECONÔMICO DO RIO G. DO NORTE  
rua mossoró, 359 — telefone 2562 — natal (rn)

INSTRUMENTO DO DESENVOLVIMENTO  
ECONÔMICO E SOCIAL DO ESTADO

participação acionária  
administração de incentivos fiscais  
financiamento à elaboração de projetos  
pesquisas de recursos naturais  
processamento de dados



Apesar das dez velinhas que a Sudene apaga em seu bolo de aniversário esta semana, nem tudo são flores no seu caminho. As palavras, os discursos e o sorriso satisfeito dos industriais beneficiados pelos artigos 34/18 enchem as páginas das revistas e quase fazem esquecer que dez anos depois, a realidade nordestina ainda é a mesma: a miséria ainda existe e o Nordeste continua sendo uma grande região subdesenvolvida.

Parece difícil alguém, a maneira da bruxa da "Bela Adormecida" aparecer para criticar o trabalho desenvolvido pela Sudene, quando todos os outros se preocupam em dar os parabéns aos dirigentes do órgão, por conta do trabalho feito durante estes dez anos. O deputado Valmir Targino, que apesar de pertencer à bancada da Arena assume atitudes inteiramente independentes das tomadas por seu partido, é uma dessas bruxas.

**Tudo errado** — Com 40 anos, bacharel formado em Alagoas um forte sotaque nordestino e eleito duas vezes para a Assembleia Legislativa — em duas outras legislaturas ficou como suplente — Valmir Targino afirma que foi contra a forma de atuação da Sudene desde a sua criação.

"A Sudene criada para corrigir a grande distorção existente entre o Nordeste e o Centro-Sul não está atingindo sua finalidade, pois nesses dez anos o Nordeste tornou-se mais pobre, seu povo ficou mais faminto e o desemprego hoje está maior do que anteriormente".

A culpa de tudo isso, segundo ele, é o desequilíbrio entre a industrialização e a agropecuária, "porque a Sudene começou a subir a escada do desenvolvimento a partir do décimo degrau, esquecendo os nove que estavam abaixo".

Para ele os dois primeiros planos Diretores deveriam ter sido dedicados totalmente à agropecuária e o terceiro, à industrialização dos produtos agropecuários da região. Somente a partir do quarto plano é que deveria haver uma abertura para a industrialização pura e simples. A Sudene, contudo, inverteu os papéis, ao contrário do que ocorreu com países desenvolvidos, como Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra, que trataram primeira-

mente de organizar as atividades primárias, que são a base da economia de uma nação.

"Aqui no Brasil, o problema agrícola está se agravando e se tornando insolúvel. No Nordeste, o povo abandona as lavouras e vai para as cidades, porque a produção agropecuária na região é totalmente deficitária. E se a Sudene é o órgão que foi criado para controlar esta distorção, devia ter feito um planejamento global de início. Dessa forma, a industrialização que se está implantando na região é uma natimorta, pois o Nordeste não pode competir com o Centro-Sul, em termos de produtos industrializados, e muito menos com o mercado internacional" — diz ele.

## Uma crítica à Sudene

# O Nordeste

## é mais pobre

## do que antes

**Descapitalização** — A industrialização do Nordeste deveria visar apenas o mercado interno, mas com a descapitalização da atividade primária e com o conseqüente empobrecimento gradativo da população, o que se observa na região é o desequilíbrio, a falência da iniciativa privada, que parte do campo e atinge o comércio que por sua vez vai descarregar seus efeitos na indústria. "Por isso, grande parte das indústrias implantadas com o auxílio da Sudene, já está ociosa e isso está iniciando um processo de desequilíbrio econômico por falta de um comércio local".

O deputado condena o órgão de desenvolvimento mas reconhece que, mesmo que ele dedicasse todos os recursos de que dispõe à agropecuária, o problema persistiria, porque a tributação excessiva que o Governo Federal vem mantendo desde 1964, com o ICM cobrando à base de

18%, torna extremamente difícil a sobrevivência econômica do homem do campo. "Isso sem falar nos juros extorsivos cobrados pelos bancos particulares e oficiais, que atingem a 24%, ao ano, quando se sabe que, nos empréstimos de ano a ano, a iniciativa privada não suporta essa tributação e esses juros exorbitantes".

Para explicar melhor, ele dá o seguinte exemplo: "O homem do Nordeste que produz 100 quilos de feijão tem que retirar, de imediato 18 quilos para o Estado, 24 para o Banco do Brasil ou do Nordeste (pois a descapitalização força a que o agricultor trabalhe financiado por bancos oficiais e particulares). Além desses dois agravantes, no custo de produção da mercadoria, ele ainda terá que pagar **Inda, Ibra, Funrural, Imposto Sindical, Imposto de Renda**, num total de nove tributos diferentes, que importa em mais 10%, no mínimo. Então, dos 100 quilos iniciais, restam apenas 48, sujeitos ainda a todas as despesas para ele e o meeiro".

Há dez anos, segundo afirma, sem Sudene, Ministério e Secretaria da Agricultura atuando e sem a Ancar, o homem do interior era rico em função da agricultura que possuía. Agora quanto mais planta, mais pobre e endividado ele vai ficando.

Por isso o deputado Valmir Targino não acredita quando lê nos jornais que o Nordeste é a região que mais cresce no Brasil, e considera essa afirmação uma farsa. "É como alguém querer esvaziar o mar com um balão, pois sabemos que uma melhora econômica certa é aquela que vem aumentar o poder aquisitivo do povo. Mas, o que vemos, no dia a dia, é o empobrecimento progressivo da população que leva mais dinheiro para o mercado e traz menos mercadorias para casa. Por isso, não vejo crescimento no Nordeste".

**Monstrengo** — "Se alguém praticasse educação física diariamente, mas só exercitasse o braço direito deixando o esquerdo sem exercício ficaria um monstrengo. Com a Sudene está acontecendo isto: os centros industriais de Recife e Salvador têm crescido embora o povo não esteja participando desta riqueza, pois os recifenses e os baianos de hoje estão muito mais pobres do que há dez anos atrás".



Minério sempre foi questão controvertida no Brasil. Só recentemente, está o assunto despertando o interesse das entidades encarregadas de traçar os nossos planos de desenvolvimento. Em boa hora, a Sudene criou uma fundação para pesquisar minérios no Nordeste. Esperemos que a medida produza efeitos benéficos.

Mário Moacyr Pôrto  
Diretor-Presidente da  
Mineração Tomaz Salustino S/A

A história da mineração no Brasil é das mais curiosas. Na época da colônia, as 'catas' e garimpos serviam para encher as 'burras' de meia dúzia de felizardos e sustentar a faustosa prodigalidade da Corte Portuguesa. Depois minério se tornou um mistério, chegando mesmo a ser incluído como agrícola', pois, por muito tempo, mineração esteve subordinado ao Ministério da Agricultura.

Recentemente porém, o problema começou a ser encarado com seriedade ou objetividade e vem merecendo dos poderes públicos atenções correspondentes à sua importância. Assunto que aqui como em toda parte suscita controvérsias; material que, amiúde, acende, no mundo, disputas e guerras cruéis — minério ou mineração poderá constituir-se em fator de importância decisiva em nossa economia. Como nota o otimista, convém registrar o interesse que, nos últimos tempos, vem suscitando a pesquisa de minerais entre nós, ponto crucial de uma política de incentivos à produção, o que nos leva a crer que as pessoas responsáveis pela coisa pública vieram a render-se à grave advertência do Conselheiro Acácio: para achar é preciso procurar. É um veso nosso simplificar as coisas, isto é, achar fácil e simples o que a muitos se afigura difícil ou mesmo insuperável. Em relação a minerais, porém, parece-nos que a expansão da sua produção não constitui tarefa que-requeira esforços ou clarividências sobre humanas. Pelo seguinte: está provado que, sem qualquer ufanismo, possuímos imensas reservas minerais. O que temos em ferro, manganés, cassiterita, etc, já nos credencia a um preponderante papel de país privilegiado. Por sua vez, importamos, paradoxalmente, a maior parte dos minérios que consumimos e, relativamente, consumimos muito. Basta dizer que compramos, aproximadamente, oitenta milhões de dólares de cobre por ano. Posta a questão nestes termos, o incremento da pesquisa, identificação de áreas mineralizadas, é problema de salvação nacional, notadamente em época na qual não primamos por uma vantajosa posição entre os países desenvolvidos. Isto posto, é com satisfação que respeitamos as medidas e planos ultimamente estabelecidos para dinamizar as nossas esquecidas riquezas minerais se não chegam tarde, já de muito deviam ter sido tomados. Entre as providências cumpre destacar o Plano Decenal do Ministério de Minas e Energia, que baseia o seu programa de pesquisa na *Carta Geológica ao Milionésimo*.

Sem dúvida que o plano vem se revelando eficaz, e não são poucos os trabalhos que vem realizando de mapeamento geológico, plantas de

detalhes, dimensionamento de jazidas, etc.. Recentemente, criou-se a 'Minebrás', cujo objetivo maior é possibilitar, em larga escala, a pesquisa, mesmo a fundo perdido. A 'Minero-brás', como se sabe e era inevitável, tem suscitado vivas controvérsias e não tem faltado quem lhe aponte os defeitos, inclusive de uma indesejável estatização. Parece-nos, contudo, que o novel órgão representa uma saudável ajuda, mormente para o empresário mineiro, que, via de regra, não dispondo de grandes recursos, não teria chance ou condições para suportar o pesado ônus da pesquisa, que envolve, de qualquer modo, um risco certo e quase sempre considerável. Para o Nordeste, a 'Minero-brás' abre, no plano da pesquisa mineral, perspectivas das mais promissoras, dada a carência generalizada de recursos dos empresários e proprietários da região. É surpreendente como o 'affaire' 'Minero-brás', que para para nós avulta em importância, pois é empresa que se destina, justamente, a ajudar os menos favorecidos da fortuna, ainda não tenha suscitado o interesse que, naturalmente, seria de esperar-se em regiões tão desprotegidas de recursos. Perdemos tempo e dinheiro, em encontros, seminários e congressos, quase todos de feição acadêmica, enquanto olvidamos os setores que, convenientemente explorados, poderiam nos render vantagens tão certas quanto compensadoras. A Sudene, por sua vez, criou a fundação denominada Furene, que se propõe 'a custeio de pesquisa científica e tecnológica', sendo de acrescentar-se que 'na utilização dos recursos do Furene terão prioridade as riquezas minerais', como reza o seu bem elaborado IV Plano Diretor.

Como se vê, já não dormimos em berço esplêndido no que toca a minérios e sua pesquisa. Resta agora que as entidades que em tão boa hora se propõem estimular a produção se entrossem para um rendoso trabalho comum, a fim de que as atividades afins não se convertam em atividades paralelas e se venha esterilizar ou diminuir o rendimento que resultaria de um inteligente trabalho integrado. Em relação ao Rio Grande do Norte, que as atividades comecem ou se desenvolvam sem tardança, pois somos um Estado onde já foram registradas mais de duzentas ocorrências de Scheelita, para falar apenas do seu mais importante minério. Até hoje, são grandes as nossas esperanças e reduzida a nossa produção. Chegue, depressa, a ajuda dos nossos órgãos de incentivo à produção mineral, pois sabemos, por experiência própria, que esperança é ótima como estímulo mas insuficiente como solução.

Esperança é

ótima como

estímulo mas

insuficiente

como solução



# Homens & Empresas



Tácio de Oliveira



Moacyr Duarte

**General Tácio** — O general Tácio Teófilo de Oliveira Superintendente da Sudene, esteve em Natal, no último dia 12, atendendo convite da turma concluinte de Economia, que o escolheu para Patrono. As 22:30 horas do mesmo dia, o general Tácio foi recepcionado no Clube do Industrial pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte, ocasião em que teve contatos importantes com homens de empresa do Estado.

**Comissão do Sal** — O sr. Agenor Barbosa, vice-presidente executivo da Comissão Executiva do Sal, acompanhado de técnicos, visitou Mossoró em meados do corrente mês onde manteve encontros com industriais salineiros para tratar de assuntos relacionados com a racionalização da indústria do sal e com a atualização técnica do órgão que agora substitui o antigo Instituto Nacional do Sal. O sr. Agenor Barbosa assinou convênio com a Universidade Regional do Rio Grande do Norte para a instalação em Mossoró de um Centro Regional de Estudos e Pesquisas.

**Política** — O deputado estadual Moacyr Duarte Presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Norte, define a situação política do Estado, há pouco agravada com o caso do Tribunal de Contas: "vivemos uma fase de expectativa, embora o problema do Tribunal de Contas tenha sido superado. Estou certo de que o TC cumprirá suas obrigações e continuará prestando, dentro das suas atribuições específicas, a sua colaboração à administração pública".

**Visita a Brejuí** — O Superintendente da Sudene general Tácio de Oliveira quando de sua última vinda a Natal, último dia 12, reiterou ao sr. Mário Moacyr Pôrto, diretor-presidente

da Mineração Tomaz Salustino S/A, a sua disposição de visitar a mina Brejuí, em Currais Novos, maior centro produtor de scheelita na América Latina. Antes, o Superintendente havia marcado inclusive uma data para visitar a mina mas não pôde cumprir a promessa pois no dia acertado o Ministro do Interior chegou ao Recife, para tratar de importantes assuntos do interesse regional na Sudene. A mina Brejuí já foi visitada pelas seguintes autoridades, entre outras: ex-Presidente Costa e Silva, na época em que Comandava o IV Exército; Presidente do Banco do Nordeste, sr. Rubens Costa; e Governador Walfredo Gurgel.

**José Nilson paraninfa** — O Presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte engenheiro José Nilson de Sá, foi escolhido paraninfa da turma concluinte da Faculdade de Ciências Econômicas. O patrono da turma foi o Superintendente da Sudene, general Tácio Teófilo de Oliveira.

**Sudene/Natal** — Com a viagem do sr. Rômulo Xavier Barbosa para o Recife, em gozo de férias, assumiu a chefia do Escritório Regional da Sudene no Rio Grande do Norte o agrônomo Antônio de Pádua Pinho Pessoa. No começo do próximo ano, o economista Rômulo Xavier Barbosa retorna ao cargo.

**Guararapes no México** — As Confecções Guararapes S/A, a indústria do Rio Grande do Norte que mais cresce, ao ponto de já se colocar entre as quatro maiores indústrias de confecções do Brasil, está agora investindo no México. Informou o diretor-presidente da empresa, sr. Nevaldo Rocha, que até o fim do próximo ano a Guararapes terá sua unidade fabril no

México, em funcionamento. Para implantar sua indústria no México, a Guararapes está aplicando o mesmo sistema que obteve ótimos resultados no Brasil: primeiro, está implantando uma vasta cadeia de lojas de confecções. Os investimentos iniciais das Confecções Guararapes S/A no México são da ordem de 50 mil dólares. Vale frisar que a Guararapes está montando, no momento, uma nova fábrica em São Paulo. Ninguém duvida que nos próximos cinco anos o grupo Guararapes assumirá o primeiro lugar entre as indústrias de confecções brasileiras.

**Indústria Nacional** — Promovida pela Confederação Nacional da Indústria e pelas Federações das Indústrias dos Estados nordestinos, realizou-se no Recife, durante os últimos dias 16, 17 e 18 a Reunião da Indústria Nacional. A representação do Rio Grande do Norte no conclave, presidida pela industrial José Nilson de Sá, foi a seguinte: Francisco Ferreira Souto Filho, Luiz Amorim de Souza, Hélio Melo (Presidente da Cofern), Edgar Dantas, José Cavalcanti Melo, Clóvis Motta (representando a empresa J. Motta Indústria e Comércio), Wandick Lopes (representando a Maracujá Agropecuária S/A), Hélio Nelson (representando a Algodoeira Theodorico Bezerra S/A), Telmo Barreto (representando T. Barreto Indústria e Comércio S/A), Cyro Cavalcanti (representando a Plastoni e a Planosa), Marcelo Pôrto (representando a Mineração Tomaz Salustino S/A), Enéias Negreiros (representando a Fiação e Tece-lagem de Mossoró S/A), Francisco Sena (representando a Companhia Alfredo Fernandes Indústria e Comércio) e Heriberto Escolástico (representando a S. A. Mercantil Tertuliano Fernandes). A delegação da Cofern apresentou em nome do Estado o trabalho básico sobre "Recursos Naturais do Rio Grande do Norte".



# Crédito, Financiamento & Investimento

**Refrigerantes** — Segundo pesquisa realizada no Estado, cada habitante do Rio Grande do Norte bebeu 23 garrafas de refrigerantes este ano. Toda a população potiguar, segundo a mesma pesquisa consumiu em um ano, 30 milhões de garrafas dos mais diversos tipos de refrigerantes. A **Natal Refrigerantes** produz em um ano 714.240 caixas de refrigerantes, ou 14 milhões de garrafas. O produto é fabricado com matéria prima proveniente da Guanabara e a renda anual da empresa está calculada em NCr\$ 2.836.244,00.

**Algodão hidrófilo** — A **Produtos Farmacêuticos e Químicos do Nordeste S/A — Profarquímica** — importa atualmente da Itália toda a maquinaria para instalação de uma fábrica de algodão hidrófilo (para consumo em hospitais, casas de saúde, etc.), maquinário este orçado em 800 mil cruzeiros novos. O projeto foi elaborado pela **Planasa** e já foi aprovado pela **Sudene**. A fábrica funcionará no próximo ano com capa-

cidade de produção anual de 150 toneladas e deverá empregar, pelo menos, 58 operários. Dirigem o empreendimento os senhores **Francisco Seráfico Dantas** e **Genário Fonsêca**.

**Investimentos** — Durante o ano de 1969 os investimentos realizados no Rio Grande do Norte com os recursos dos artigos 34/18 da **Sudene** atingiram o montante de 103.583.432,00 cruzeiros novos. No ano que passou os investimentos ficaram em NCr\$ 35.520.285,00, quase 200 por cento menos que em 69.

**Maiores na indústria** — A **Itapetinga Agroindustrial S/A** fazendo um empreendimento financeiro da ordem de 54 milhões de cruzeiros novos, foi o maior projeto industrial aprovado pela **Sudene** para o Rio Grande do Norte.

O projeto é para a construção de uma fábrica de cimento no município de Lages. Depois dela está a **Companhia Comércio e Navegação** com projeto salinheiro de NCr\$ 22.375.330,00 e

**Henrique Lage Comércio e Indústria S/A** também no campo da extração de sal, que fez investimento de 14.325.441 cruzeiros novos.

**Pecuária** — No campo da pecuária a **Companhia de Melhoramentos Agropastoril** com investimento na ordem de 4.280.000,00 cruzeiros novos foi o maior projeto aprovado pela **Sudene**, neste setor, para o Estado, no corrente ano. O segundo foi o da **Fazenda Poço Verde S/A**, orçado em NCr\$ 2.700.000,00. Mas, o maior projeto no campo da pecuária já aprovado para o Rio Grande do Norte — já foi durante muito tempo o maior da região — é o da **Potengi Indústria Agropecuária S/A**, com investimentos totais somando 6.006.588 cruzeiros novos, elaborado e aprovado em 67.

**Cimento** — Está sendo analisado pela **Sudene** e deverá ser aprovado muito em breve o projeto para instalação da **Companhia Cimento Amianto do Nordeste Ltda**, em Natal, num

investimento total de 21.150.000 cruzeiros novos. O órgão regional de desenvolvimento entra com recursos através dos mecanismos dos artigos 34/18 no montante de 14 milhões, 71 mil e 61 cruzeiros novos. A **Companhia** vai fabricar ondulados de cimento amianto.

**Acauã — Mineração Acauã Indústria e Comércio S/A** esta com projeto na **Sudene** em fase de análise e quando aprovado, vai representar um investimento da ordem de NCr\$ 9.248.888,00. A **Sudene**, pelos 34/18, entra com financiamento de 4.650.000,00. A **Mineração Acauã** tem sede em Currais Novos.

**Despertar** — O chefe do Escritório Regional da **Sudene** em Natal informou que o maior interesse no Estado é pelos projetos agropecuários. Disse que já houve dia em que o Escritório recebeu nada menos do que quatro cartas-consultas, todas elas voltadas para o campo da pecuária.

Uma Indústria do NORDESTE crescendo com o  
Desenvolvimento do NORDESTE  
**SIDNEY C. DORE S. A.**

INDÚSTRIA DE REFRIGERANTES



Grapette, Soda Limonada,  
Guaraná e Laranja





# Notícias do Nordeste

**Exposição** — O Norte e o Nordeste do Brasil serão mostrados no pavilhão internacional do Ibirapuera, em São Paulo. Na segunda semana de março será instalado naquele local a **Exposição do Progresso Industrial do Norte e Nordeste**, promovida pelo governo do Estado de Pernambuco, Prefeitura do Recife e Empresa Metropolitana de Turismo. O objetivo da mostra é divulgar em nível nacional o desenvolvimento comercial e industrial da região.

**Financiamento** — O Banco do Brasil elevou o teto de financiamento com as operações de custeio de cêra de carnaúba para 60 por cento do valor do produto.

**Encontro** — O programa da pequena e média empresas do Nordeste será analisado de 7 a 10 de janeiro por especialistas nordestinos de entidades nacionais e convidados de organismos internacionais. O **I Encontro da Pequena e Média Empresa** será promovido pela **Sudene**, através do seu Departamento de Industrialização. A pauta consta de quatro temas básicos: assistência técnica às pequenas empresas; assistência financeira; treinamento no setor privado e no setor público; e a interrelação da assistência técnica e financeira.

**Exportação** — 700 mil caixas de abacaxi será o montante das exportações feitas para a Argentina no valor de aproximadamente 2 milhões e 100 mil cruzeiros novos. Todos os embarques foram realizados pelo porto de Cabedelo, Paraíba. Também, diariamente, cerca de 50 caminhões carregados com frutas da região deixam Sapé e municípios vizinhos para outros Estados.

**Óleo comestível** — Encontrase em conclusão no Banco do Nordeste estudo sobre a cultura do gergelim que visa reunir informações que evidenciem a possibilidade de diversificação na oferta de matéria-prima para in-

dústria de óleos comestíveis do Nordeste. Se aparecerem resultados positivos vai ser elaborado programa de fomento à cultura do gergelim em áreas selecionadas, em convênios com outros órgãos públicos e privados.

**Sudene** — “Têm sido frequentes, nos grandes centros econômicos do Centro Sul — Rio de Janeiro e São Paulo, notadamente — origem da maior parcela dos recursos do imposto de renda destinados à aplicação em projetos na área da **Sudene** rumores sobre indústrias que estariam utilizando apenas uma parcela de sua capacidade instalada, ao passo que outras, embora recebendo matéria-prima do Centro-Sul onerada pelo transporte rodoviário ou marítimo, têm que mandar parte de sua produção para ser comercializada nos grandes magazines desta região. (...) Entretanto, as atividades da região continuam a lutar com os mesmos problemas seculares, enquanto são moderados os avanços na política de aproveitamento de matérias-primas locais” — Extrato do comentário “Os dez anos da **Sudene**” de autoria de Omer Montalegre.

**Investimento na Paraíba** — O saldo das aplicações do Banco do Nordeste na Paraíba, em outubro que passou, atingia a 106 milhões de cruzeiros novos. 75 milhões são de crédito especializado

abrangendo indústria, agricultura, pecuária, eletrificação, abastecimento d'água, saneamento e telecomunicações. Outros 31 milhões de cruzeiros novos foram aplicados no financiamento à comercialização de produtos agropecuários.

**Financiamento a criadores** — o general Tácito de Oliveira, superintendente da **Sudene**, assinou em dias da quinzena passada convênio com a **Sociedade Nordestina dos Criadores** no valor de 60 mil cruzeiros novos. Os recursos são para realização de provas zootécnicas no rebanho bovino, através do controle de produção de leite e do desenvolvimento ponderal. O convênio é válido por um ano e constitui-se em grande avanço tecnológico para os criadores da região.

**Petrobrás** — A fábrica de asfalto da **Petrobrás** sediada em Fortaleza entregou cerca de 11 mil e 500 toneladas de petróleo aos consumidores do Norte e Nordeste contra 6 mil toneladas no mesmo período de 1968 e 2,2 mil toneladas entregues no mesmo período em 1967. A fábrica tem capacidade de produzir 90 mil toneladas anuais o que é suficiente para pavimentar 1500 quilômetros de estrada em tráfego leve. A capacidade atual de refino da unidade é de 480 metros cúbicos por dia o que equivale a 3019 barris diários.

## A Federação do Comércio do Rio Grande do Norte

saúda a **SUDENE** no seu 10º aniversário, na pessoa do seu Superintendente, general Tácito de Oliveira, enaltecendo a obra realizada e a mudança de mentalidade conseguida em busca do desenvolvimento sócio-econômico da região nordestina

**Reginaldo Teófilo**  
Presidente



# Projeto - definir é fácil, elaborar é difícil, aprovar é demorado.

**Projeto** — palavra que qualquer dicionário define de maneira sucinta: plano; empreendimento; redação provisória. Entretanto, em termos de **Sudene** a conceituação da palavra tem uma maior amplitude abrangendo diversas etapas que exigem estudos, pesquisas rigorosas, exigindo bastante da capacidade de engenheiros e economistas.

Com a implantação do organismo regional a palavra "projeto" passou a ser mais ouvida mais comentada. Entretanto, no Rio Grande do Norte, o número de interessados na realização de projetos, buscando obter recursos dos artigos 34/18, ainda não é considerado animador. No entender de alguns técnicos, o que existe no meio empresarial do Estado é uma certa timidez com relação a **Sudene** aliada a outro tanto de desconhecimento dos incentivos da entidade desenvolvimentista.

**Início** — O sr. Mauro Souza, foi um exemplo dos que conseguiram obter os incentivos da **Sudene** e que ficou conhecendo toda a complexidade da elaboração de um projeto. É óbvio que sua primeira iniciativa foi o contato inicial, fundamental para a elaboração do projeto. Depois de expôr o plano, os técnicos do escritório começaram a executar um período de observação das possibilidades fazendo, em seguida, o estudo de um anti-projeto para terem a certeza de que a idéia teria efetivas condições de ser jogada à frente.

Tratando-se de um projeto que solicitava financiamento para obter recursos dos artigos 34/18, foi elaborada uma carta-consulta à **Sudene**, falando das diretrizes gerais do projeto e dizendo qual o grupo interessado. Além disso a carta-consulta esclarecia ainda qual o mercado a ser coberto pela empresa, definindo a demanda e a oferta, e meio para a entrada da empresa no mercado. Outro detalhe da carta: dados sobre custos de produção e inversão do projeto.

**Definitivo** — Vencidas as etapas de contatos e consultas, a

iniciativa foi caminhando para um estágio mais complicado e o sr. Mauro interessado em conhecer todo o mecanismo de preparação do projeto recebeu com entusiasmo a resposta positiva do organismo. O escritório passou então ao projeto definitivo. Este constava de duas partes fundamentais: a) elaboração por um escritório especializado e b) análise do projeto pelo órgão financiador.

**A prática** — A elaboração varia para cada projeto com alguns recebendo maior número de capítulos que outros. Para um projeto industrial existe um modelo clássico normalmente aplicado que é dividido em seis capítulos.

Dos seis capítulos do projeto, o primeiro faz a identificação da empresa: analisa a sua razão social, data de fundação, corpo de dirigentes, quantidade de acionistas. O segundo capítulo trata da localização do mercado: justifica as razões pela localização em determinada cidade; observa as forças locais — existência de matéria prima, energia elétrica, não de obra, meios de comunicação, etc.

Ainda dentro deste capítulo é feito um estudo relacionado com o mercado da empresa: para onde vai vender; pesquisa de mercado para estudo da demanda existente; a oferta que existe dentro da área de influência da empresa. Faz-se, depois, um comparativo entre a demanda e oferta para que se tenha a visão da folga que existe no mercado. É observado também a comercialização; política de preços da empresa; características do produto; tipo de embalagem a ser utilizada; ramais de distribuição dos produtos e política de crédito.

**Finais** — Com o terceiro capítulo, é elaborado o processo de produção. É estudada a maneira de como o produto será fabricado desde a entrada da matéria prima até a produção final. No capítulo seguinte são tratados problemas relacionados com as inversões fixas e inversões circulantes. A penúltima etapa trata sobre a receita de custos da empresa. O último capítulo elaborado do projeto fala da rentabilidade e financiamen-

to, onde se procura conhecer os índices de rentabilidade do empreendimento e fontes de recursos para a implantação do empreendimento.

Para finalizar o projeto entra na fase de análise por parte da **Sudene**, etapa em que é observada a veracidade do que foi apresentado. São observados os efeitos sócio-econômicos para a região onde a empresa será instalada. Para um projeto agropecuário, as etapas são idênticas, acrescentando-se ainda estudos específicos do rebanho, evolução, fertilidade, aquisição, cuidado sanitário com o gado, etc.

**Aprovação** — Para que o projeto tenha chegado à aprovação final pelo Conselho Deliberativo da **Sudene**, o interessado deve esperar, em média, cerca de oito meses. Assim ocorreu com o sr. Mauro Souza, que acabou por conseguir o financiamento desejado.

Na elaboração do projeto que solicitou trabalharam economistas e engenheiros, totalizando seis pessoas. O custo de um projeto é também variável. É em função da inversão.

## Receba RN-Econômico

em seu próprio escritório, através de um sistema de distribuição eficiente.

Faça a sua assinatura semestral por apenas

NCr\$ 15,00 na Editora RN-Econômico Ltda.

Rua Seridó, 426 — 1.º andar



O que será 1970 para a

C O S E R N

Construção de cerca de 300  
quilômetros de linhas de transmissão  
de 13.800 e 69.000 volts

Construção de redes de distribuição  
de energia elétrica nas cidades de São  
João do Sabugí, Ielmo Marinho,

Barcelona, Coronel Ezequiel, Jaçanã,  
João Câmara, Riachuelo, Afonso

Bezerra, São Miguel, Caraubas, Apodí  
— entre outras.

Conclusão das subestações de São José  
de Mipibú e Ceará Mirim.

Construção das subestações de Macau  
e Serra Vermelha.

Ampliação e reforma das redes de  
distribuição de energia de Natal e de  
várias cidades interioranas.

Aplicação de cerca de NCr\$ 5.500.000,00

C O S E R N

Companhia de Serviços Elétricos do  
Rio Grande do Norte

## STAND do Rio Grande do Norte na FECIN foi visitado pelo Ministro do Interior

O Rio Grande do Norte através da Companhia de Fomento Econômico, (Cofern) participa da III Feira do Comércio e da Indústria do Nordeste Fecin, que se realiza em Recife patrocinada pela Sudene.

O "stand" do Rio Grande do Norte mostra através de fotografias e produtos do Estado, o que vem sendo feito em termos econômicos principalmente através dos artigos 34/18 dos Planos Diretores da Sudene.

**Ministro e Superintendente**  
— O ministro Costa Cavalcan-

te da Pasta do Interior, acompanhado pelo superintendente da Sudene general Tácito Teóphilo de Oliveira, na abertura das comemorações dos 10 anos do órgão desenvolvimentista do Nordeste esteve no "stand" do Rio Grande do Norte detendo-se em exames das várias fotos ali expostas de unidades industriais do Estado.

A Fecin prossegue até o próximo dia dez de janeiro sendo considerado como muito bom o comparecimento de pessoas não só do Nordeste mas de outras regiões do Brasil.

## Feira Pró-Caritas promove o artesão

Se você estiver folgado à noite até o dia 22, visite a **Primeira Feira Promocional Pró-Caritas** armada na antiga praça Pio X. Artigos regionais de artesanato, entre flores, cerâmica e trabalhos em crochê, entre outros, num total de dois mil artigos, estarão à venda, sendo o resultado revertido em benefício da obra social desenvolvida pela Caritas no Estado.

A organização está mudando seus métodos de trabalho, que consistiam apenas na distribuição de alimentos recebidos dos americanos através da **Aliança Para o Progresso** e partindo para métodos mais realistas, prestando serviços de assistência de caráter técnico

e educativo a mais de 80 entidades de Natal e do Interior.

A promoção conta com o apoio do **Exército Marinha, SAR, LBA, SESI e ANCAR-RN**, de várias firmas comerciais, e do América Futebol Clube, Alecrim e ABC. Além dos 11 stands de venda e exposição de artigos haverá atrações, como conjuntos de música jovem e grupos folclóricos, Araruna, Boi Calemba e Bambe-lô. O cantor e compositor Roberto Lima fará uma apresentação. A entrada — preço único — é de NCr\$ 1,00, o que é pouco para quem deseja colaborar com o trabalho que a Caritas vem executando no Estado em centros sociais clubes de mães e ambulatórios, entre outras entidades:



"Há quarenta anos passados, José Américo de Almeida, em romance clássico da literatura das secas, escrevia um dístico que pareceu o epitáfio do Nordeste: "há uma miséria maior do que morrer de sede no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã".

# Fidelidade à miséria não é mais "virtude" da região nordestina

Deputado Moacyr Duarte

Presidente da Federação da Agricultura

A primeira década de existência da SUDENE assinala realmente um passo de gigante na marcha pela recuperação e desenvolvimento do Nordeste. Nesse seu ciclo existencial o organismo de controle e planejamento do incremento racional de nossa economia pode mostrar em seu índice um elenco de grandes realizações e magníficos triunfos. Participamos efusivamente das justas alegrias que marcam o evento, solidarizando-nos com os lineamentos da filosofia desenvolvimentista que preside os destinos e os rumos da SUDENE.

A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste tornou-se um patrimônio da região e nos pertence por **droit de conquête**. Foi uma árdua luta de vários anos, entremeados de confianças e descrenças, mas que culminou com a esperada e calculada vitória. Resta-nos agora não dormir sobre os louros conquistados e partir para novas etapas, promovendo os acertos e eliminando as distorções que muitas vezes uma visão global e panorâmica dos problemas acarreta, não só pela complexidade dos temas, como, ainda, pela vastidão geográfica da área coberta pelo campo de irradiação e pelas peculiaridades típicas, étnicas e vivenciais que a zona nordestina comporta, dentro do seu contexto geopolítico.

O problema essencial do Nordeste, e durante muito tempo o único que emocionava o país, era o fenômeno climático da seca periódica. Ocorrendo como o desabamento de um castigo, de duração instável, a seca paralizava quase inteiramente a pecuária e a agricultura de um enorme **hinterland**, habitado por cerca de 20 milhões de almas. Não é de propósito que utilizamos o significado que a palavra **alma** contém nos dicionários dos velhos regimes autocráticos. Talvez nenhuma região do Brasil tenha concen-

trado, como o Nordeste, tantas pessoas resignadas, tantos servos da gleba, tantos escravos da terra. Não pela servidão feudal, mas pelo amor ao chão e pela obstinada fidelidade à miséria.

Mas, de dez anos para cá, o Nordeste conseguiu sair da ficção literária, dos romances do cangaço e das sagas dos retirantes, para integrar-se ampla e realisticamente na problemática do subdesenvolvimento de toda a região, que não pôde acompanhar nem de longe o vigoroso crescimento do Centro-Sul do país.

Entre outros fatos, o problema das secas se fundiu com o da utilização das terras úmidas do Nordeste, que representam, quase exclusivamente, uma pequena faixa litorânea entregue ao cultivo da cana de açúcar. São bem ilustrativas as observações de estudiosos da autoridade de Celso Furtado, Roy Nash ou de Albert Hirschmann, quando fixaram, em períodos diferentes, as crises econômicas dessa faixa que inclui grandes cidades como Recife e Salvador. A fatalidade climática, a abolição da escravatura, a concorrência antilhana e em seguida a crescente produção do açúcar paulista, engendraram uma série de contra-medidas financeiras e reações gradativas e descentralizadas por parte dos grupos condicionados, sem alternativa, à monocultura da cana.

Estamos enfocando aqui apenas um dos aspectos do problema, pois a grande zona nordestina, definida como Polígono das Secas, medindo cerca de 950 mil quilômetros quadrados, não é tão homogênea quanto se pensa.

Nela exsurgem regiões elevadas e montanhosas, chapadas ou serras, e tanto no setor norte, limitado pelo rio Mearim, quanto na parte sul, em torno do rio São Francisco, as secas

são menos pronunciadas, a luta pela vida oferece ao homem outras trincheiras. Mas, no sertão do Rio Grande do Norte, como no Ceará, na Paraíba e em grande parte de Pernambuco, a estiagem é quase uma condição crônica e nessas áreas sobrevive uma população algo densa, superior a 20 pessoas por quilometro quadrado. Como o flagelo é imprevisível, a provisão humana dificilmente subsiste, ninguém tem condições de guardar o que se torna perecível diante da catástrofe.

O clamor nordestino, redobrado depois da instalação da antiga Inspeção Federal de Obras Contra as Secas, era por providências estatais sistematizadas. A execução de um vasto programa de açudagem não surtiu, na época, os efeitos de salvamento esperados. A grande seca de 32 alertou os elaboradores da política hidráulica sobre a necessidade de uma prévia destinação constitucional de verbas para o Nordeste, o que se concretizou na Constituição de 1934. Firmou-se a obrigatoriedade da defesa do Nordeste, através da consignação de 4% da receita tributária federal para a realização de um plano sistemático.

Mas a região não podia viver apenas disso, lembrada e socorrida nos anos calamitosos, algumas vezes despovoada pelo êxodo, outras tantas esvasiada pela impossibilidade de se atender ao desemprego, à ruína progressiva. Depois da década de 40 e durante as secas de 1951 1953 e 1958, o DNOCS, que substituiu a Inspeção, chegou a dar empréstimo a 400.000 pessoas e o DNER a mais de 140.000.

Em todas essas conjunturas, o interesse do Sul pelo nosso destino sempre foi pontual. Técnicos como Guimarães Duque, engenheiros como Luiz Vieira, voltaram-se para a solução do problema com uma mentalida-

de mais realista. E quando comecou a batalha da SUDENE, vitoriosa através de projeto de lei encaminhado ao Congresso Nacional em 1959, o Presidente Kubitschek, como providência intermediária, criou o Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (CODENE), órgão consultivo e de pesquisa, que propiciou a Celso Furtado e à sua equipe os elementos indispensáveis ao seu famoso Relatório.

Citemos, de passagem, uma referência inserta no precioso livro de Albert Hirschmann, 'Política Econômica na América Latina', que nos proporcione uma síntese bastante nítida da situação:

'Quase tudo na lei da SUDENE era 'diferente' e de grande alcance. Tratava-se de uma nova entidade federal, mas em seu Conselho Deliberativo tinham assento não só os representantes dos Ministérios econômicos, e os das agências a serem coordenadas — tais como o DNOCS, a CHESF, o BNB — como também os Governadores dos nove Estados nordestinos. Incluindo em seu planejamento o Estado do Maranhão, a SUDENE ampliou a definição tradicional do Nordeste.

'Os poderes da SUDENE eram amplíssimos. Competia-lhe traçar um Plano Diretor, e exercer pleno controle sobre as atividades e investimentos das agências já operando no Nordeste, particularmente o DNOCS e a CHESF, e até certo ponto também o BNB. Deveria ser, também, o principal órgão responsável por obras públicas e operações de socorro durante emergências de seca' (obra citada, pág. 98).



# Fidelidade à miséria . . .

Foi então que o Sul começou a carrear, por intermédio das opções contidas nos arts. 34/18 do Plano da SUDENE, seu potencial de investimentos no Nordeste.

Como consequência dos seus principais êxitos, a estratégia imediata da SUDENE se foi concentrando em campos 'não antagônicos', tais como transportes rodoviários energia elétrica, abastecimento d'água, industrialização. Mas a grande autarquia não abandonou a trajetória reformista sobre a qual se firmara. Em verdade, mesmo a agricultura e a pecuária foram tratadas com interesse, principiaram a compreender a técnica do planejamento e a recuperar, pela colonização, áreas quase abandonadas ou entregues à rotina de proprietários sem a menor assistência.

O próprio Celso Furtado e os superintendentes que se lhe seguiram, concordaram em que

a reforma do uso da terra e instituições respectivas, tanto na zona da mata quanto no sertão, continuava sendo uma das principais tarefas para alcançar-se o desenvolvimento do Nordeste. Os arts. 34/18 da lei da SUDENE e sua posterior regulamentação, trazendo em princípio uma redação de certo modo amigável, pareciam permitir uma redução de 100% no imposto de renda e assevera-se que a fixação em 50%, obtida por meio da regulamentação, foi conseguida por demarches dos industriais nordestinos, talvez temerosos de uma grande e súbita expansão, no Nordeste, de subsidiárias das indústrias do sul, ansiosas por tirar vantagens do privilégio fiscal.

Mas ninguém acredita que essa presunção tivesse qualquer fundamento. A prova está no fato de que a atração de capitais do Sul para investimentos no Nordeste está em visível aceleramento, pois o trabalho nor-

destino ganhou a confiança dos capitais sulinos e a terra, como dizia a histórica mensagem do descobrimento, é boa e generosa para todos os caminhos da vontade empreendedora.

Concluimos daí o quanto é válida a assertiva de Jacques Lambert, segundo a qual o Brasil é mais um país desigualmente desenvolvido do que mesmo um país subdesenvolvido. O desenvolvimento insuficiente ou retardado manifesta-se desde o cálculo da renda *per capita*, não excedendo a 200 dólares.

O fortalecimento da economia nordestina trará elementos seguros para o aumento dessa renda *per capita*, na hora em que se firmarem os estímulos vitais do seu crescimento. Valorização dos produtos básicos de que é rico o Nordeste, se bem protegidos para o seu *rush* no mercado interno e internacional. Diversificada a produção, liberta a terra da monocultura egoísta e solitária, novas pers-

pectivas haverão de surgir no setor das atividades primárias.

O trabalho nordestino, impulsionado pela ajuda efetiva dos capitais do Sul, garantidos pela presença da SUDENE e dos estabelecimentos de crédito articulados na eclosão de um novo Nordeste, dentro em breve fixará o homem à terra pelo amor aos campos fecundos que o viram nascer pobre e desesperançado.

Há quarenta anos passados, José Américo de Almeida, em romance clássico da literatura das secas, escrevia um dístico que pareceu o epitáfio do Nordeste: 'Há uma miséria maior do que morrer de sede no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã'.

A frase cruamente apocalíptica do grande escritor da nossa região já não encerra agora aquele sentido trágico. Pois o Nordeste está se redimindo e arrancando, lenta, mas seguramente, os espinhos do seu corpo redivivo.



A Companhia Pecuária e Agrícola do Nordeste (Copan) vem se juntar às homenagens prestadas a Sudene no seu décimo aniversário. Graças a ela, hoje estamos nos instalando no Rio Grande do Norte, em Santa Cruz. Para que fôssemos formada tivéssemos condições de engordar duas mil cabeças de gado por ano, dentro do melhor padrão técnico, fizemos um investimento total que vai a NCr\$ 2.635.000,00 tendo a Sudene participado, pelos artigos 34/18, com NCr\$ 1.862.200,00. Por isso, nada mais justo do que externarmos o nosso agradecimento e viver com ela as alegrias dos seus dez anos de existência a produzir desenvolvimento

**Companhia Pecuária e Agrícola do Nordeste - Copan**  
Fazenda Umbuzeiro — Santa Cruz  
Projeto elaborado pela Adiplan



## Última sessão da Sudene em 69 aprovou mais dois projetos agropecuários para o Estado

O Conselho Deliberativo da Sudene, na sua última reunião aprovou o projeto da **Cajueira Agropecuária S/A (Capesa)** no montante de NCr\$ 1.910.000,00, tendo a Sudene, através dos artigos 34/18 dos seus Planos Diretores participado também do empreendimento com NCr\$ ..... 1.432.500,00.

A nova fazenda-empresa que se destina à produção de leite 'in natura' e produção de carne bovina, deverá proporcionar 28 novos empregos fixos, além de proporcionar empregos estacionais para manutenção das culturas forrageiras. A Capesa localiza-se no município de Taipú, menos de 50 quilômetros de Natal.

Como vai ser — O empreendimento agropecuário tem por diretor presidente o sr. Tamires Miranda, por diretor-administrativo o sr. Betovem Azevedo e Ilton Miranda como diretor-comercial.

A área onde se localizará o empreendimento é de 1.098 hectares e será toda utilizada para criação de gado leiteiro, de carne e para cria e recria. O plantel efetivo, todo da raça zebu está projetado em 1.000 animais.

De acordo ainda com o projeto, Capesa deverá colocar no mercado regional cerca de 672 mil litros de leite 'in natura', por ano. A produção anual de carne bovina está prevista em 14 mil, 670 arróbas/ano.

Os índices de rentabilidade e sua relação lucro bruto com investimento total está previsto ser de 19,8 por cento anualmente.

Pecuária — Ainda durante a última reunião do Conselho Deliberativo da Sude-

ne realizada em 1969, foi aprovado o projeto da **Arizona Agro-Pastoril S/A**, no montante de 3 milhões e 44 mil cruzeiros novos.

O projeto, que foi elaborado pela **Consplan (Recife)** é o terceiro maior do Estado em dinheiro, no setor da agropecuária. A nova empresa oferecerá 50 empregos permanentes e 400 variáveis e tem por objetivo cria, recria e engorda de gado. A Arizona está localizada no município de João Câmara.

Pesca — Outro projeto considerado de grande importância para o Rio Grande do Norte e que se encontra atualmente sendo examinado pelos técnicos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste é o da **Companhia Distribuidora de Pescado** que deverá ser submetido muito breve a apreciação do Conselho Deliberativo da Sudene, talvez em sua próxima reunião.

A indústria de pesca deverá se instalar no município de Touros, sendo que a própria **Codipesca** — é como se chamará a Companhia — será responsável pela industrialização e também venda do pescado congelado já eviscerado e filetado. O produto será distribuído em embagens tipo exportação.

Do Sul — O grupo empreendedor tem por presidente o sr. Lauro Elorza, atual-presidente do Sindicato do Comércio de Carne e peixe do Estado de São Paulo e ex-presidente da Federação do Comércio do Estado bandeirante.

Internacional — Não só o mercado nacional mas também o internacional deve-

rá ser atingido pela produção da **Codipesca**, tão logo ela dê início às suas operações e tenha sido aprovado o projeto pelo Conselho Deliberativo da Sudene. Os planos são mais amplos devendo a produção se destinar também à exportação para o exterior.

A empresa se propõe a colocar no mercado nacional e no internacional, 35.400 libras de lagosta eviscerada; 800 mil quilos de 'pargos'; 900 mil quilos de 'cavala' além de 350 mil quilos de outros tipos de peixe.

Investimento — O projeto da **Companhia Distribuidora de Pescado (Codipesca)** vai se situar na faixa dos maiores do Estado. O grupo solicita a Sudene recursos na ordem de 4 milhões, 875 mil cruzeiros novos, enquanto que os diretores do empreendimento vão entrar com 1 milhão, 625 mil cruzeiros novos. O total do investimento será de 6 milhões e 500 mil cruzeiros novos.

A rentabilidade do empreendimento, segundo os técnicos da **Induplan**, que elaborou o projeto, está calculada em 36 por cento ao ano.

O grupo de empreendedores, espera implantar a empresa até meados do próximo ano, caso o projeto venha a obter aprovação na próxima reunião do conselho Deliberativo.

Quando estiver instalada, a **Codipesca** vai proporcionar a criação de mais 200 novos empregos no Rio Grande do Norte.